

A busca de conceitos, orientações e técnicas de tradução, nos anos 1945-1979, e a formação da tradutologia de língua francesa: alguns elementos¹ /
La quête de concepts, d'orientations et de techniques de traduction dans les années 1945-1979 et la formation de la traductologie de langue française: quelques éléments

*Robert Ponge**

Professor titular aposentado do Instituto de Letras da UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil), professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade, onde leciona literatura francesa e tradução.

 <https://orcid.org/0000-0002-1078-8212>

Recebido em: 17 dez, 2023. **Aprovado** em: 22 dez, 2023.

Como citar este artigo:

PONGE, Robert A busca de conceitos, orientações e técnicas de tradução, nos anos 1945-1979, e a formação da tradutologia de língua francesa: alguns elementos. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. Edição Especial, p. 44-76, dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10525448>

RESUMO

A tradução é uma atividade antiga. Contudo, foi somente após 1945 que começou a ser examinada sob um novo ângulo, científico. Ocorreu, então, uma virada nos estudos de tradução, levando à autonomia dos mesmos. Foi algo que aconteceu internacionalmente, embora o ritmo da mudança de perspectiva tenha variado de acordo com cada país. Como isso se deu nas pesquisas de língua francesa? Para responder à pergunta, este artigo propõe-se a estudar o percurso da reflexão teórica e prática dos anos 1945 a 1979 e observar os elementos formadores do que receberá o nome de tradutologia, por volta de 1980. Para tal, após alguns parágrafos introdutórios de ordem histórica e/ou teórica, o trabalho debruça-se sobre os principais textos em francês do período: Larbaud (1946), Mounin (1955), Cary (1956, 1958), Vinay e Darbelnet (1958), Mounin (1963), Seleskovitch (e Lederer) (1968-1979), e também sobre Jakobson (1959) em função de sua importância. Cada publicação é submetida a uma dupla interrogação para, por um lado, identificar os conceitos, as orientações, as técnicas por ela propostos e avaliar sua pertinência, sua utilidade e sua inovação; por outro lado, para determinar em que medida contribuiu para a guinada inovadora e, portanto, para a formação da tradutologia de língua francesa. A conclusão propõe alguns marcos de periodização, coloca em evidência as convergências entre os autores examinados, chama atenção sobre as exceções à "regra de ouro" e examina o consenso sobre o conceito de equivalência. (Traduzido do francês por Carolina Pfeiffer).

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Gêneros de tradução; Tradução: conceitos, orientações, técnicas; Dificuldades de tradução; Equivalência.

¹ Tradução do francês por Carolina Pfeiffer, Gabriela Wezka Porto Alegre, Nara H. N. Machado, Normélia Maria Parise, Robert Ponge e Rodrigo de Oliveira Lemos.

 r.ponge@ufrgs.br



Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 12, Edição Especial (2023)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

RÉSUMÉ

La traduction est une activité antique. Toutefois, c'est seulement après 1945 qu'elle commence à être examinée sous un angle nouveau, scientifique. C'est un virage dans les études de traduction, il débouche sur leur autonomisation. Cela a lieu internationalement, cependant le rythme du changement de perspective varie selon les pays. Qu'en a-t-il été dans les recherches de langue française? Pour répondre à la question, ce travail se propose d'y étudier le cheminement de la réflexion théorique et pratique dans les années 1945-1979 et d'y inventorier les éléments de formation de ce qui prendra le nom de traductologie vers 1980. Pour ce faire, après quelques paragraphes introductifs d'ordre historique et/ou théorique, il se penche sur les principaux textes en français de la période: Larbaud (1946), Mounin (1955), Cary (1956, 1958), Vinay et Darbelnet (1958), Mounin (1963), Seleskovitch (et Lederer) (1968-1979), ainsi que Jakobson (1959) en fonction de son importance. Chaque publication est alors soumise à une double interrogation pour, d'une part, dégager les concepts, les orientations, les techniques qu'elle propose et évaluer leur pertinence, leur utilité, leur nouveauté; d'autre part, pour déterminer dans quelle mesure chaque publication prend part au tournant novateur, et donc à la formation de la traductologie de langue française. La conclusion propose quelques repères de périodisation, met en évidence les convergences entre les auteurs examinés, attire l'attention sur les exceptions à la "règle d'or" et examine le consensus sur le concept d'équivalence.

MOTS-CLÉS: Traduction; Genres de traduction; Traduction: concepts, orientations, techniques; Difficultés de traduction; Équivalence.

Em memória de Paulo Rónai²

Em memória de Edmond Cary,

Jean-Paul Vinay, Jean Darbelnet,

Georges Mounin e Danica Seleskovitch³.

1 Introdução

O presente artigo propõe-se a estudar o percurso da reflexão de língua francesa sobre a tradução nos anos 1945-1979 e identificar alguns elementos relativos à formação daquilo que tomará o nome de tradutologia.

Como este trabalho tem sua origem na conferência proferida em outubro de 2022, no 22º Congresso Brasileiro dos Professores de Francês (em Cuiabá, MT), preliminarmente faço questão de renovar minhas felicitações aos colegas do Comitê de Organização, da Associação dos Professores de

² Paulo Rónai (1907-1992), húngaro de nascimento (Rónai Pál), refugiado no Brasil, naturalizado brasileiro; professor de francês e latim, crítico literário, tradutor profissional, defensor da causa da tradução e dos tradutores, pioneiro em estudos sobre tradução (a primeira edição de *Escola de tradutores* foi lançada em 1952), autor de um cabedal precioso de reflexões sobre a tradução: uma figura excepcional.

³ Cary, Vinay, Darbelnet, Mounin são os pioneiros da virada inovadora dos estudos da língua francesa sobre a tradução; Seleskovitch, a pioneira dos estudos sobre a interpretação. Veja abaixo.

Francês do Estado do Mato Grosso (APFMT) e da Federação Brasileira dos Professores de Francês (FBPF) pela realização e êxito do encontro, e de agradecer novamente o convite para apresentar a palestra⁴.

Retomo aqui o texto lido no referido evento. O estilo escrito-falado foi em geral mantido. Foram introduzidas correções, esclarecimentos, adições, desenvolvimentos e algumas modificações na ordem dos fatores, bem como as notas e referências bibliográficas.

O assunto? A atividade de traduzir não data de hoje, tampouco a reflexão e a teorização sobre ela. Mas foi somente após a Segunda Guerra Mundial que começou a ser conduzida sistematicamente e a partir de um novo ponto de vista (atualizado e verdadeiramente científico, no sentido moderno da palavra). Foi uma grande virada nos estudos de tradução. Para situar-se historicamente, é importante lembrar que o neologismo “tradutologia” só começou a circular nos anos 1970 e demorou para prevalecer.

Assim sendo, meu propósito é examinar alguns trabalhos publicados durante os anos de 1945 a 1979, avaliar sua contribuição teórica ou técnica para a virada inovadora que ocorreu nos estudos dessa área e aferir em que medida participaram da formação da tradutologia de língua francesa.

Quais trabalhos? Os mais importantes: essencial e cronologicamente (ordem que seguirei), os de Larbaud (1946), Mounin (1955), Cary (1956, 1958), Vinay e Darbelnet (1958), Jakobson (1959), Mounin (1963), Seleskovitch (e Lederer) (1968-1979).

Um *corpus* suficiente! Certamente seria instrutivo debruçar-se, entre outros, sobre o número 28 (de dezembro de 1972) de *Langages* (intitulado “A tradução”), sobre o número de outubro-dezembro de 1973 de *Études de linguistique appliquée* (intitulado “Exegese e Tradução”), bem como sobre o balanço de Jean-René Ladmiral em *Traduire: théorèmes pour la traduction* (1979, Traduzir: teoremas para a tradução) e ainda sobre trabalhos publicados em outras línguas. Mas, por restrição de espaço e tempo, foi impossível.

Como sondar os autores do *corpus*? Submeto os escritos escolhidos a uma dupla interrogação para, por um lado, identificar os conceitos, as orientações, as técnicas que cada um propõe e avaliar sua pertinência, sua utilidade e sua inovação; por outro lado, para determinar em que medida cada publicação contribuiu para a guinada inovadora e, portanto, para a formação da tradutologia de língua francesa.

Alguns esclarecimentos prévios: refiro-me aqui unicamente à tradução propriamente dita, ou seja, interlingual, interlinguística. Como se trata de um congresso e de um número especial de revista sobre o francês como língua estrangeira (FLE), ambos destinados a um público cujo conhecimento do mundo da tradução é diverso e desigual, começo por alguns dados introdutórios e, sobretudo, falo de teóricos

⁴ Meus agradecimentos também a Suze Silva Oliveira e Jacqueline Nunes Brunet por sua disponibilidade e oportuna ajuda por ocasião do Congresso.

francófonos, mas não apenas. Utilizo a palavra “científico” no sentido de ciência-das-ciências-humanas, ciência-das-humanidades, sem nenhum positivismo ou cientificismo. Minha exposição tem suas limitações, consequência dos limites dos meus conhecimentos, mas também do tempo de fala estabelecido no Congresso e das dimensões atribuídas a este trabalho, por isso reduzi minhas pretensões iniciais e efetuei amplos cortes.

2 Definição da tradução

O que é traduzir? Desde 1798, para a Academia Francesa, consiste em "*faire passer un ouvrage d'une langue dans une autre*" (passar ou fazer passar uma obra de uma língua para outra).

O *Dictionnaire Littré* retomou textualmente a definição da Academia (LITTRÉ, 1874). Quase um século mais tarde, a edição de 1969 do *Nouveau petit Larousse* fez o mesmo, exceto por uma palavra: "Passar um texto de uma língua para outra"⁵ (LAROUSSE, 1968, p.1032).

Verifica-se, portanto, durante um período de 170 anos, uma persistência e um consenso notáveis em relação às definições dadas por três referências obrigatórias.

Cabe acrescentar que, além de *traduzir* ou *passar* (ou *fazer passar*) *uma obra de uma língua para outra*, também se diz correntemente, em francês, *rendre* ou *transposer* (verter ou transladar ou transpor) um texto em outra língua. Estas expressões são sinônimas.

3 Uma atividade milenar

A tradução é uma das atividades humanas mais antigas. Já na pré-história, as formações humanas recorriam a intermediários bi- ou multilíngues que garantiam a comunicação oral com povos de línguas diferentes. No Egito dos Faraós, eles tinham um status principesco (CARY, 1956, p.132; MOUNIN, 1965, p.29-30).

No século XII, na França, eram chamados de *drugements*, no século XIV de *truchemans*, em seguida grafado como *truchements*. A partir do século XVI, a palavra sofreu a concorrência do

⁵ "Faire passer un texte d'une langue dans une autre" (LAROUSSE, 1968, p.1032). Salvo indicação em contrário, todas as traduções são da equipe de tradutore(a)s

termo intérprete, que passou a designar os especialistas em tradução oral (REY, 1994, p.2181, 1143). No Brasil, nessa época, eram chamados de *língua*, *linguará* ou *lingual* (HOUAISS, 2002; AURÉLIO, 2004).

Decorrente do surgimento da grafia, a tradução escrita também tem milhares de anos. Na Idade Média, no século XII, em francês era a “*translation*”, substantivo que designava a ação de “*translater*” (que significava “transportar para outro lugar” e depois “traduzir”) realizada pelo “*translateur*” (tradutor). Os documentos traduzidos eram sobretudo os textos fundadores das religiões e dos Estados ou aqueles que os justificavam assim como os clássicos da Antiguidade. A partir da invenção da imprensa, essa atividade registrou um crescimento sem precedentes. No século XVI, na França, os termos anteriormente utilizados foram eliminados e substituídos por “*traduction, traduire, traducteur*” (“tradução, traduzir, tradutor”). A terminologia moderna estava fixada (REY, 1994, p.2155, 2147).

No século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, as atividades de tradução (oral, escrita, gestual) sofreram uma notável diversificação e um formidável e sustentado crescimento. A atividade do intérprete (chamada, em francês, inicialmente de “*interprétariat*”, depois de “*interprétation*”, REY, 1994, p.1143) adquiriu vigor, volume e estatuto.

Os estabelecimentos de formação específica para estas profissões, até então inexistentes, eram raros no início do século XX. A partir de 1945, a criação de escolas de intérpretes e de tradutores se multiplicou na Europa e na América do Norte. Duas observações: a) o acesso a elas ocorre, em geral, após dois anos (ou mais) de estudos superiores; b) nelas, a interpretação e a tradução são cursos diferentes (CARY, 1956, p.165-174; MOSKOWITZ, 1972, p.110,115-117).⁶

No Brasil, os primeiros cursos de tradução e/ou interpretação surgiram por volta de 1970, geralmente em nível de graduação.

4 Os primórdios da reflexão teórica sobre a tradução

A reflexão sobre a tradução é tão antiga como a própria atividade de tradução. Os seus vestígios remontam à Antiguidade, a documentação tornando-se mais numerosa a partir do Renascimento.

Cabe citar, entre outros, alguns nomes. Na Antiguidade, Cícero (106a.C.-43a.C) e Jerônimo de Estridão (~347-~420), mais conhecido como São Jerônimo. Do século XVII ao início do século XIX, destaco

⁶ Para maiores informações sobre a história da tradução (no sentido amplo do termo), além de Cary (1956) e de Mounin (1965), remeto a Ballard (2007) e a Laurenti (2015).

Alexander Fraser Tytler (1747-1813, *Essay on the Principles of Translation*, 1791) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834, "Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens" [Diferentes métodos de tradução], 1813). O historiador da tradução Michel Ballard acrescenta Claude-Gaspard Bachet de Méziriac (1581-1638, "De la traduction", 1635) e Gaspard de Tende (1618-1697, *Règles de la traduction*, 1660) (MOUNIN, 1965, p.31-57; BALLARD, 2007, p.161-170, 186-195).

Cabe ainda mencionar os volumes bilíngues de *Clássicos da teoria da tradução*, publicados no Brasil pela UFSC, cujo número dois reúne dezesseis textos em francês que abarcam desde Étienne Dolet (1540) até Paul Valéry (1945) (TORRES *et alii*, 2018).

5 A Antiguidade, Cícero

Restrinjo-me, aqui, a uma breve análise do primeiro documento da Antiguidade que chegou até nós, o prefácio no qual, por volta de 46 antes da nossa era, Cícero (106 a.C.-43 a.C.) justificou como traduziu dois autores gregos para o latim:

Não os traduzi como um mero tradutor, mas como um escritor que respeita as suas frases, com suas figuras de palavras ou de pensamentos, usando, no entanto, termos adaptados aos nossos hábitos latinos. Por isso, não considere necessário traduzir cada palavra por uma palavra; no entanto, quanto ao gênio de todas as palavras e ao seu valor, conservei-os. Com efeito, considere que o que importava ao leitor era de lhe oferecer não o mesmo número de palavras, mas, por assim dizer, o mesmo peso.⁷ (apud MOUNIN, 1955, p.55)⁸

Assinalo três ideias-chave.

A)- Comentando a sua tradução, Cícero explica: "[...] não considere necessário traduzir cada palavra por uma palavra; [...] de lhe oferecer [ao leitor] o mesmo número de palavras"⁹ (apud MOUNIN,

⁷ "Je ne les ai pas rendus en simple traducteur, mais en écrivain respectant leurs phrases, avec les figures de mots ou de pensées, usant toutefois de termes adaptés à nos habitudes latines. Je n'ai donc pas jugé nécessaire d'y rendre chaque mot par un mot; pourtant, quant au génie de tous les mots et à leur valeur, je les ai conservés. J'ai cru, en effet, que ce qui importait au lecteur, c'était de lui en offrir non pas le même nombre, mais pour ainsi dire le même poids" (apud MOUNIN, 1955, p.55).

⁸ Uma vez que Cícero é citado por Mounin sem qualquer referência bibliográfica ou de tradutor, deduzo que a tradução do latim é do próprio Mounin.

⁹ "Je n'ai [...] pas jugé nécessaire d'y rendre chaque mot par un mot; de lui [...] offrir [au lecteur] non pas le même nombre [de mots...]" (apud MOUNIN, 1955, p.55).

1955, p.55). Trata-se, obviamente, de uma referência ao procedimento de tradução palavra por palavra, ao pé da letra. Seria essa uma prática comum na época ou uma obrigação de todo tradutor? De qualquer forma, Cícero achou por bem desvencilhar-se dela e dizê-lo.

B)- Cícero continua: "[...] quanto ao gênio de todas as palavras e ao seu valor, conservei-as. Com efeito, considerei que o que importava ao leitor era de lhe oferecer não o mesmo número de palavras, mas, por assim dizer, o mesmo peso"¹⁰ (apud MOUNIN, 1955, p.55). Imagem que constitui um verdadeiro achado. Mounin a destaca mencionando o entusiasmo, o *encanto* que ela tinha, *com razão*, suscitado em Valery Larbaud, que elogiou "a imagem ciceroniana, tão expressiva, do tradutor que não enfileira, diante de nós, como moedas, os equivalentes das palavras do texto, mas que nos dá a soma, o peso – o resultado dessa operação mística: a pesagem, – de seu conteúdo"¹¹ (LARBAUD, 1946, p.92-93).

Nestas duas citações, Cícero estabelece o princípio de que o objetivo da tradução não é traduzir palavras mas ideias, que ela deve transpor ideia por ideia. Trata-se de uma orientação professada atualmente e colocada em prática por muitos, portanto moderna. Carrega em si o germe de uma ferramenta útil: o procedimento das unidades de tradução baseadas no sentido (ideia por ideia). Um precursor, este Cícero!

C)- Por outro lado, Cícero acrescenta que não traduziu os dois textos gregos "como um mero tradutor, mas como um escritor", como um orador, um especialista da eloquência. Que, embora "respeit[asse] [as] frases [dos autores gregos], com [as] figuras de palavras ou de pensamentos", "no entanto" usou "termos adaptados aos nossos hábitos latinos". E ainda:

Se, como espero, traduzi os seus discursos [dos autores gregos] utilizando todas as suas qualidades, isto é, as frases, as figuras e a construção, mantendo-me fiel às palavras, *mas apenas até ao ponto em que não sejam repugnantes ao nosso gosto*, se, portanto, não traduzimos todos os elementos do texto grego, nos esforçamos, no entanto, por reproduzir o seu gênio.¹² (apud MOUNIN, grifos dele, 1955, p.57)

¹⁰ "[...] quant au génie de tous les mots et à leur valeur, je les ai conservés. J'ai cru, en effet, que ce qui importait au lecteur, c'était de lui en offrir non pas le même nombre, mais pour ainsi dire le même poids" (apud MOUNIN, 1955, p.55).

¹¹ «l'image ciceronienne, si expressive, du traducteur qui n'aligne pas devant nous comme des pièces de monnaie les équivalents des mots du texte mais qui nous donne la somme, le poids, – le résultat de cette opération mystique: la pesée, – de leur contenu" (LARBAUD, 1946, p.92-93).

¹² «en simple traducteur, mais en écrivain"; «respect[é] [les] phrases [des auteurs grecs], avec les figures de mots ou de pensée"; «toutefois"; «termes adaptés à nos habitudes latines"; Si, comme je l'espère, j'ai rendu leurs discours [aux auteurs grecs] en utilisant toutes leurs qualités, c'est-à-dire les phrases, les figures et la construction, serrant de près les mots, *mais au point seulement où ils ne répugnent pas à notre goût*, si donc nous n'avons pas traduit tous les éléments du texte grec, cependant nous nous sommes efforcé d'en reproduire le génie" (apud MOUNIN, grifos dele, 1955, p.57).

Com essas precisões, Cícero permitiu-se fazer modificações para *adaptar* sua tradução ao que chamou de *hábitos* e *gostos* latinos, ou seja, às normas sociais, às regras da fala e da escrita elegantes.

Em suma, em Cícero, o ato de traduzir está sujeito a dois binômios (ou pares) de tensões: traduzir palavras X traduzir ideias; traduzir como mero tradutor X traduzir como escritor, como orador. Desfrutando de uma invejável longevidade, essas duas alternativas (pares de oposições) ainda continuam atuais. Debrucemo-nos, por um momento, sobre a segunda.

6 De Cícero às belas infiéis

Na formulação *traduzir como escritor, como orador*, encontra-se o embrião da ideia de que a tradução pode enveredar pelo caminho da adaptação. Em poucas palavras, discretamente, como se fosse óbvio, Cícero informa que fez as adaptações que exigiam (ou pareciam exigir) os *hábitos* e *gostos* do seu país e do seu tempo.

Assim sendo, deu total liberdade aos tradutores para submeterem a tradução às exigências do gosto e das convenções da língua-alvo e de sua cultura. Abriu assim as portas às traduções que iriam dominar os séculos XVII e XVIII e que seriam chamadas de *belas infiéis*. Trata-se da prática de acomodar o texto traduzido às injunções do modelo sociocultural (expressão necessariamente em língua culta e recatada, respeito às tradições, aos costumes, valores e proibições morais e religiosas, etc.) em vigor em um país, sociedade ou grupo social dado, em um determinado período.

Assim, Voltaire, refletindo uma opinião bastante generalizada, afirmava que Homero não seria lido pelo público francês se os tradutores "não suavizassem, se não desbastassem quase tudo"¹³ (*apud* MOUNIN, 1955, p.63). No mesmo sentido, Houdar de La Motte (1672-1731) fez tantas supressões que sua tradução da *Iliada* (1701-1714) tem apenas doze cantos (contra vinte e quatro em Homero). Por sua vez, sem ir tão longe na quantidade e extensão das supressões, a senhora Dacier (1645-1720) corrigiu, suavizou e embotou Homero à vontade (OUSTINOFF, 2007, p.40-41).

Hoje, isso pode despertar o riso, mas abramos um parêntese: poderiam os autores das belas infiéis agir de outra forma, poderiam traduzir sem se submeterem às expectativas e às regras do seu tempo? Poderiam fazê-lo sem correrem o risco de sofrerem recriminações, de serem considerados inapropriados,

¹³ «n'adoucissent [pas], s'ils n'élaquent [pas] presque tout".

ilegíveis? Voltaire achava que não. Mas havia quem pensasse que sim. Seja como for, a questão merece ser levantada.

A partir do século XIX, as belas infieis foram criticadas, condenadas. Sua prática diminuiu e, depois, desapareceram como tal (no sentido histórico do termo). Mas será que o problema de fundo (traduzir ou adaptar? em que medida a adaptação pertence à tradução?) está, por isso, resolvido, superado? Tudo indica que se mantém, mas formulado num contexto histórico diferente.

Passemos aos anos 1945-1979 e aos autores escolhidos.

7 Larbaud, 1946, *Sous l'invocation de saint Jérôme*

Polígrafista talentoso, crítico literário de prestígio, verdadeiro erudito, homem preocupado com o rigor, Valéry (sem o acento agudo) Larbaud (1881-1957) foi um tradutor altamente conceituado. A partir de 1920, reuniu material para um livro sobre o assunto.

Em 1946, foi publicado *Sous l'invocation de saint Jérôme* (Sob a invocação de São Jerônimo). Atraente, o título coloca o volume sob o signo do santo padroeiro dos tradutores. Imponente (350 páginas), trata-se de uma coletânea reunindo cinquenta e nove textos agrupados em três subdivisões.

A terceira ("Técnica") possui trinta comentários sobre crítica literária ou sobre os cuidados que requer a escrita. Pouco ou nada têm a ver com a tradução: uma grande decepção!

A primeira parte relata a vida de Jerônimo, exalta a sua obra e nela situa o imenso lugar da tradução: um belo ensaio de quarenta e cinco páginas, documentado, apaixonado.

Intitulada "A arte e o ofício [de traduzir]", a segunda parte aborda a vocação, o papel e a importância do tradutor, os seus direitos, deveres, alegrias e recompensas, o seu estatuto ("dignidade eminente" mas "não reconhecida"), as qualidades que dele se esperam, as ferramentas que utiliza, as dificuldades, problemas e armadilhas semeados em seu caminho, etc. Larbaud fornece também dados preciosos sobre a história dos tradutores e define (na tradição de Cícero e Jerônimo) a atividade de traduzir: "todo o trabalho de tradução é uma pesagem de palavras"¹⁴ (LARBAUD, 1946, p.9, 74, 77). Um festival de propósitos, informações e observações através do qual o autor transmite os ensinamentos práticos ou técnicos e as lições teóricas acumulados ao longo de trinta e cinco anos.

¹⁴ "L'art et le métier [de traduire]"; "éminente dignité", "méconnu"; "tout le travail de la traduction est une pesée de mots" (LARBAUD, 1946, p.9, 74, 77).

No entanto, não é uma monografia, concebida e estruturada como tal. A intenção de oferecer um balanço é prejudicada pela composição desigual e heterogênea da publicação: um compêndio de notas e apontamentos (exceto o ensaio sobre Jerônimo).

Constitui uma síntese importante, muito louvável na época, mas limitada, dela não se podendo esperar um tratado ou um manual.

8 Mounin, 1955, *Les Belles Infidèles*

Aficionado de poesia e da Itália do Renascimento, Georges Mounin (1910-1993) era professor de língua e literatura italiana. A partir da avaliação de sua experiência como tradutor (professor de versão do italiano para o francês) e das suas leituras-análises de traduções em francês de vários autores, redigiu *Les Belles Infidèles* (1955, *As belas infiéis*).

O título é parcialmente enganoso. Trata-se de uma “defesa e ilustração da arte de traduzir”¹⁵ (MOUNIN, 1955, p.101). O primeiro capítulo expõe os argumentos dos partidários da intraduzibilidade (a impossibilidade de traduzir). O segundo, da traduzibilidade, a qual Mounin demonstra solucionando alguns exemplos tidos como impossíveis de traduzir. Cabe notar duas novidades: a amplitude, o rigor lógico da crítica à tese impossibilista e o recurso (ainda tímido) a algumas categorias da linguística (semântica, morfologia, fonética, estilística).

O terceiro capítulo é organizado em torno de duas questões. Após examinar lucidamente o duplo ponto de vista de Cícero, Mounin propõe como modelo o “novo palavra por palavra” (ou “tradução-reconstituição histórica”)¹⁶ de Leconte de Lisle (século XIX) e o contrapõe à rejeição do palavra por palavra que havia levado às belas infiéis dos séculos XVII e XVIII (MOUNIN, 1955, p. 67 e segs.).

Então, distingue duas grandes categorias de traduções. Aquelas que “traduzem a obra sem conservar a coloração de sua língua, sua época e sua civilização originais” e que, de acordo com uma imagem retirada de Gogol, tornam-se “um vidro tão transparente” que o leitor “crê não haver vidro”. E de outro lado, o contrário, “vidros também translúcidos, mas coloridos”, traduções “impecavelmente francesas”, mas nas quais o leitor não pode “nunca esquecer por um instante a cor da língua original, do século original, da civilização original” da obra. Mounin considera que essas duas categorias são

¹⁵ “défense et illustration de l’art de traduire” (MOUNIN, 1955, p.101).

¹⁶ “nouveau mot à mot”; “traduction-reconstitution historique” (MOUNIN, 1955, p.67 sq).

antinômicas, mas “legítimas”¹⁷ (MOUNIN, 1955, p. 74-75, 91). O tradutor é, então, livre para escolher os vidros de sua preferência (transparentes ou coloridos), contanto que...

Contanto que ele preencha duas condições: que assuma a sua escolha e seja coerente com a mesma; que mantenha a unidade de tom (característica primordial de toda tradução), evitando a armadilha dos anacronismos e a nota dissonante das discrepâncias, da heterogeneidade (MOUNIN, 1955, p. 91-101).

O livro oferece, assim, uma tripla reflexão:

a)- de ordem histórica: um retorno a alguns momentos da história da tradução;

b)- de ordem teórico-conceitual: a formulação de alguns axiomas úteis e importantes; a resolução do paradoxo da intraduzibilidade; a enunciação da alternativa vidros transparentes X coloridos (alguns poderão, porém, apontar que não havia nada de novo, visto que o dilema já havia sido levantado, em outros termos, por Schleiermacher no seu supramencionado texto de 1813; é verdade, mas raros eram aqueles que, na França, conheciam esse ensaio¹⁸);

c)- da ordem do estudo e da confrontação do comportamento de alguns tradutores a partir da observação das escolhas feitas ao traduzir.

O conjunto é ilustrado por um número de exemplos bem escolhidos, analisados com agudeza.

Não é um tratado sobre tradução, mas foi, na França, “a primeira tentativa histórica de alguma envergadura a fim de compreender, na sua continuidade lógica e cronológica, os métodos e concepções da tradução”¹⁹ (BALLARD, D’HULST, 1994, p.10). Inegavelmente, tornou-se um dos clássicos em estudos de tradução.

9 Cary, 1956-1958, primeiro estudo panorâmico sobre a tradução

Intérprete notável, tradutor talentoso de textos técnicos, romances e poesia, Edmond Cary (1912-

¹⁷ “traduisent l’œuvre sans lui garder la coloration de sa langue, ni de son époque, ni de sa civilisation originelles”; “un verre si transparent qu’on croit qu’il n’y a pas de verre”; “des verres [eux] aussi translucides mais colorés”; “impeccablement françaises”; “jamais oublier un instant la couleur de leur langue originelle, de leur siècle originel, de leur civilisation originelle”; “légitimes” (MOUNIN, 1955, p. 74-75, 91).

¹⁸ Inclusive, Mounin o conhecia? Não o menciona em seus livros de 1955, 1963 e 1965.

¹⁹ “la première tentative historique de quelque envergure pour comprendre dans leur continuité logique et chronologique les méthodes et conceptions de la traduction” (BALLARD, D’HULST, 1994, p.10).

1966) desempenhou um papel ativo na formação da Sociedade Francesa de Tradutores (147) e da Federação Internacional (1953), na criação e animação da revista *Babel* e na organização de colóquios. Também foi pesquisador (o que era raro entre os tradutores), desenvolveu uma reflexão sobre a profissão que exercia, redigiu trabalhos científicos, publicou alguns livros. Muito promissora, sua produção foi prematuramente interrompida pelo seu falecimento em 1966 (BALLARD, 1986, p.7-14).

A)- Em 1956, foi publicado o seu primeiro volume. Já na primeira página ele denuncia o “incrível” fato de que não existisse ainda “nenhum estudo panorâmico sobre a tradução”. Um pouco depois, lamenta que a “teoria da tradução” fosse rara e confidencial na Europa Ocidental ao passo que “floresc[ia] na União Soviética”²⁰ (CARY, 1956, p.7, 73). O que seu escrito oferece?

A.1)- Elementos sobre a história dos tradutores, os conhecimentos que devem possuir, suas ferramentas, e também uma abundância de dados (com números e estatísticas) e reflexões sobre o papel, as tarefas e a importância da tradução (oral ou escrita), sobre a situação, a extensão, os contornos, a diversidade desta no mundo moderno, sobre a multiplicidade e especificidade dos gêneros de tradução, sobre suas dificuldades (“trabalho difícil e perigoso”²¹, CARY, 1956, p.17) assim como análises e orientações (teóricas e técnicas) sobre o bagagem de conhecimentos e experiência requeridos para traduzir (tanto em geral quanto para cada gênero de tradução). Não existia na França nenhum estudo panorâmico sobre o tema. *La Traduction dans le monde moderne* (1956, A tradução no mundo moderno), de Cary, foi o primeiro, excelente. Inaugurou na França a guinada inovadora nos estudos de tradução.

A.2)- O que é traduzir? Cary responde que “o tradutor empenha-se em estabelecer relações de *equivalência* entre palavras, ideias, imagens, etc.” (1956, p. 17). Consciente da importância vital dessa expressão, ele a italiceza. Será que a criou, a inventou? Acredito que não. Em qual teórico teria encontrado senão sua formulação, no mínimo uma ideia ou sugestão iniciais da mesma? Não sei. Deve-se observar o seguinte: ele explicita prontamente que o tradutor empenha-se em estabelecer “uma *certa* equivalência entre o texto traduzido e o do autor”²² (CARY, 1956, p.17, grifo meu). Cabe repará-lo sem nos deixarmos enganar pelo adjetivo *certo(a)*, ou seja, observando a sua localização. Retornarei a esse ponto.

A.3)- “Como se deve traduzir?”, pergunta Cary. E considerando que “não existe tradução no abstrato”, sua resposta está sintetizada em três curtas perguntas preliminares: “O que você traduz? [...]”

²⁰ “incroyable”; “pas d’ouvrage d’ensemble consacré à la traduction”; “théorie de la traduction”; “fleuri[t] en Union Soviétique” (CARY, 1956, p.7, 73).

²¹ “travail difficile et périlleux” (CARY, 1956, p.17).

²² “le traducteur travaille à établir des *rapports d’équivalence* entre mots, idées, images, etc.”; “une *certaine* équivalence du texte produit avec celui de l’auteur” (CARY, 1956, p.17).

Onde e quando você traduz? [...] Para quem você traduz?”²³ (CARY, 1956, p.25, 29, 33), porque

O tradutor trabalha sobre um dado texto, em uma certa época e em certo país, para um certo público, visando uma determinada utilização do texto. Fatores esses que podem obrigá-lo a dar meias-voltas surpreendentes no seu comportamento de tradutor.²⁴ (CARY, 1956, p.25)

O que faz de Cary — em 1956, cabe lembrar — um dos precursores da teoria da tradução chamada teoria do *skopos* (teoria dos fins, teoria funcionalista da tradução).

A.4)- Ele passa então a analisar vários dos diversos gêneros nos quais os tradutores exercem a sua profissão: a tradução literária, a poesia, os livros infanto-juvenis, a tradução teatral, lírica, radiofônica, cinematográfica, técnica e/ou científica, comercial, oficial, a interpretação de conferências. Em cada um, chama a atenção para suas especificidades, suas dificuldades, sobre as obrigações e convenções que o regem.

B)- Em 1958, Cary ministrou um curso transmitido pela rádio (e publicado em seguida sob a forma mimeografada), cujo título (*Como deve-se traduzir?*²⁵) provém do livro de 1956. Não foi o único empréstimo, o compêndio de 1958 tendo muitas semelhanças com a publicação anterior. Mas também novidades, pois, em dois anos, Cary avançou em suas análises, trabalhou nas formulações e sínteses, tornou-se mais objetivo, mais denso, mais preciso.

B.1)- Desse modo, ele introduz a ideia de sair em busca de um *denominador* comum a todos os gêneros de tradução. Como? É preciso conhecer a “essência” e “as regras” de cada um para, em seguida, dedicar-se a definir o seu “denominador comum”²⁶ (Cary, 1958, p.25, 35, 29).

B.2)- Cary também indica com precisão o lugar e o papel de outros fatores, por exemplo “a famosa barreira das línguas”. Esta decorre do fato de que a língua de partida não é a língua materna do tradutor.

²³ “Comment faut-il traduire?”; “il n'existe pas de traduction dans l'abstrait”; “Que traduisez-vous? [...]. Où et quand traduisez-vous? [...]. Pour qui traduisez-vous?” (CARY, 1956, p.25, 29, 33).

²⁴ “Le traducteur travaille sur un texte donné, à une certaine époque, dans un certain pays, pour un certain public, en vue d'une utilisation déterminée du texte. Autant de facteurs qui peuvent l'obliger à des voltefaces surprenantes dans son comportement de traducteur” (CARY, 1956, p.25).

²⁵ “Comment faut-il traduire?”

²⁶ “[l']essence”; “les règles”; “dénominateur commun” (Cary, 1958, p.25, 35, 29).

No entanto, não se trata somente de problemas de língua, mas, “na quase totalidade dos casos”²⁷, de dados culturais, antropológicos, sociais, históricos, técnicos e outros, o que levanta a questão da bagagem cognitiva que toda tradução exige (CARY, 1958, p.32-34). A isso se acrescentam (essenciais!) as exigências inerentes a cada gênero de tradução.

B.3)- A título de exemplo, utilizemos a dublagem cinematográfica. Evidentemente, a tradução deve respeitar o sentido. Este é somente o ponto de partida. Tal como a tradução de livros infantis, a da dublagem está “submetida à tirania da imagem”; tal como a tradução teatral, está “submetida aos imperativos de eficácia do espetáculo, de previsão das reações do público, etc.”; tal como a poesia está submetida ao “quadro imperioso [da] contagem de sílabas”; também deve respeitar “os gestos, o jogo cênico, as expressões faciais”; mas, como a sua matéria é a língua falada, deve ainda “se moldar [...] aos movimentos labiais”, é a servidão ao sincronismo que, por vezes, obriga o tradutor a “torturar o seu texto”. E Cary sintetiza afirmando que a “dublagem é a tradução por excelência”²⁸ (1958, p.65-66)!

B.4) Ele traz uma precisão vital acerca da natureza da equivalência: não se trata jamais

de uma relação de equivalência única, passível de uma solução teoricamente perfeita e imutável. Mil contingências sempre entram em jogo e são elas que condicionam [...].²⁹ (CARY, 1958, p.68)

Contingências nas quais figura, obviamente, o contexto.

B.5)- Retornemos à questão original: o que une os diferentes gêneros de tradução? A resposta se encontra na definição da atividade tradutória que Cary formula no final do curso:

a tradução é uma operação que busca estabelecer equivalências entre dois textos expressos em línguas diferentes, estando tais equivalências sempre e necessariamente em função da natureza dos dois textos, de suas destinações, das relações existentes entre as culturas dos dois povos, seu clima moral, intelectual e

²⁷ “la fameuse barrière des langues”; “dans la presque totalité des cas” (CARY, 1958, p.32-34).

²⁸ “soumise à la tyrannie de l’image”; “soumis[e] à des impératifs d’efficacité de spectacle, de prévision des réactions du public, etc.”; “les gestes, les jeux de scène, les expressions de visage”; “se mouler [...] sur les mouvements des lèvres”; “torturer son texte”; “le doublage est la traduction par excellence” (CARY, 1958, p.65-66).

²⁹ “d’un rapport d’équivalence unique, susceptible d’une solution théoriquement parfaite et immuable. Mille contingences entrent toujours en jeu et ce sont elles qui conditionnent [...]” (CARY, 1958, p.68).

afetivo, em função de todas as contingências próprias da época e do local de partida e de chegada.³⁰ (1958, p.85)

Uma excelente definição, formulada em 1958, não esqueçamos. Decorre de tudo que precede, mas prestemos atenção no verbo “buscar”. Retornarei a esse ponto.

Deve-se tirar o chapéu para Edmond Cary, o primeiro (e com que envergadura!) entre os raros pioneiros da virada inovadora da pesquisa em língua francesa sobre a tradução!

10 Vinay & Darbelnet, 1958, o primeiro manual moderno de tradução

Jean-Paul Vinay (1910-1999) e Jean Darbelnet (1904-1990) nasceram na França, tornaram-se professores de FLE, de linguística, de tradução em universidades canadenses e se uniram para redigir *Stylistique comparée du français et de l'anglais* (SCAF, Estilística comparada do francês e do inglês), publicado em 1958. Do que se trata?

Eles definem a tradução como “passagem” de uma língua de partida (LP) a uma língua de chegada (LC) para “expressar uma mesma realidade X”, para obter uma “equivalência entre os textos”.

Para eles, a tradução “pertence à uma disciplina particular, de natureza comparativa” (que denominam *estilística comparada*) cuja finalidade é “explicar o mecanismo”, “mapear” a rede de vias “que a mente [do tradutor] segue, consciente ou inconscientemente, quando passa de uma língua para outra”. Para isso, é preciso estudar traduções, conduzir uma “exploração metódica do texto a traduzir e da tradução proposta”, examiná-los e comparar os “fatos de língua” para extrair os vários “mecanismos” linguísticos de transposição³¹ (SCAF, 1958, p.20-22, 24, 26).

³⁰ “la traduction est une opération qui cherche à établir des équivalences entre deux textes exprimés en des langues différentes, ces équivalences étant toujours et nécessairement fonction de la nature des deux textes, de leur destination, des rapports existant entre la culture des deux peuples, leur climat moral, intellectuel, affectif, fonction de toutes les contingences propres à l'époque et au lieu de départ et d'arrivée” (CARY, 1958, p.85).

³¹ “passage”; “exprimer une même réalité X”; “équivalence de textes”; “relève d'une discipline particulière, de nature comparative”; “d'en expliquer le mécanisme”; “dresser la carte”; “que suit l'esprit [du traducteur], consciemment ou inconsciemment, quand il passe d'une langue à l'autre”; “exploration méthodique du texte à traduire et de la traduction proposée”; “faits de langue”; “mécanismes” (SCAF, 1958, p.20-22, 24, 26).

O livro é o resultado desse trabalho minucioso e sistemático de observação comparativa dos *atos de língua*, da sua análise e da sua classificação. O que oferece?

A)- Lembra que as línguas não são somente sistemas (léxico, sintaxe, etc.), mas também portadoras de culturas, e formula três importantes axiomas: a) “não há tradução única”, não há “solução única”; b) o tradutor deve esforçar-se para “conservar o tom do texto que traduz”; c) na tradução dos enunciados é possível ocorrerem “perdas” (omissões, supressões) como consequência da impossibilidade de explicitar um ou mais elementos da LP e, ao contrário, “ganhos” (acréscimos, adições) pela explicitação de um ou mais elementos implícitos³² (SCAF, 1958, p.20, 23, 33, 25).

B)- Vejamos agora algumas “noções de base” que o SCAF pega emprestado da linguística e aplica na tradução:

Traduzir “sem levar em conta o contexto” e a “situação” é perigoso, porque a mensagem “está totalmente imersa” no contexto³³ (SCAF, 1958, p.28, 44).

Nos enunciados na LP e na LC, é preciso conhecer o significado das palavras, mas também o valor de cada uma no sistema de sua respectiva língua (SCAF, 1958, p.30). Por exemplo, em português, a palavra “castelo” pode ter, em determinados contextos, o mesmo significado que, em francês, “*château*”, mas não tem o mesmo valor, porque no sistema lexical do português, “castelo” se opõe a “palácio”; por sua vez, em francês, “*château*” não tem o mesmo valor que cada uma destas palavras em português, mesmo que signifique tanto uma como a outra.³⁴

É preciso também saber distinguir o que é “restrição” (limitações, exigências, proibições linguísticas) e o que é “opção” (liberdade de escolha):

na LP são sobretudo as opções que devem requerer a atenção. Na LC, o tradutor deverá levar em consideração as restrições que travam a sua liberdade de expressão e deverá também saber escolher entre as opções à sua disposição para restituir as nuances da mensagem.

³² “Il n’y a pas de traduction unique”; “solution unique”; “garder la tonalité du texte qu’il traduit”; “pertes”; “gains” (SCAF, 1958, p.20, 23, 33, 25).

³³ “notions de base”; “sans tenir compte du contexte”; “situation”; “baigne tout entier” (SCAF, 1958, p.28, 44).

³⁴ Os exemplos do SCAF são em francês-inglês. Como o país de publicação deste artigo é o Brasil, sendo destinado a um público lusófono, os exemplos em francês-português dessa seção são meus.

[...] o fato de tratar uma restrição como uma opção resulta frequentemente em uma sobretradução.³⁵ (SCAF, 1958, p. 31)

O tradutor deve estar atento aos níveis de língua utilizados nos enunciados, às especializações “funcionais” ou “técnicas”³⁶, às variações geográficas ou históricas (SCAF, 1958, p.30-35).

C)- O SCAF insiste que não se deve traduzir palavras, mas ideias, pensamentos, sentidos (o tradutor “parte do sentido e efetua todas as operações de transferência no terreno semântico”). O passo inicial consiste, portanto, em dividir a mensagem em “unidades de tradução”, que são “unidades de pensamento” delimitadas a partir do sentido³⁷ (SCAF, 1958, p.37).

D)- O SCAF enuncia a seguir um conjunto de sete procedimentos (SCAF, 1958, p.46-54), divididos em duas classes.

Três procedimentos são reunidos na classe da tradução direta:

-o empréstimo: “*hot dog*” é um empréstimo francês do inglês; “samba”, “favela”, empréstimos franceses do português do Brasil, “garçon”, empréstimo brasileiro do francês; “*mouse*”, empréstimo brasileiro do inglês.

-o decalque, empréstimo com tradução literal: “*souris*” (rato), decalque francês do inglês “*mouse*” em informática; “cachorro-quente”, decalque brasileiro do inglês “*hot-dog*”; “ter lugar”, decalque do francês “*avoir lieu*”.

-a tradução literal é feita traduzindo palavra por palavra ou quase (quase, quando há submissão a alguma restrição linguística): “*merci de ton aide*”, “obrigado(a) pela ajuda”, “*se laver les mains*”, “lavar as mãos”; “*avoir une carte dans sa manche*”, “ter uma carta na manga”.

Quatro procedimentos estão inscritos na classe da tradução oblíqua:

-a transposição, “procedimento pelo qual um significado muda de categoria gramatical”, por exemplo “*dire du bien de quelqu’un*”, “falar bem de alguém” (substantivo → advérbio); “*dès son arrivée*”,

³⁵ “servitude”; “option”; “en LD ce sont surtout les options qui doivent retenir l’attention. En LA le traducteur devra compter avec les servitudes qui entravent sa liberté d’expression et il devra aussi savoir choisir entre les options qui s’offrent à lui pour rendre les nuances du message.

[...] le fait de traiter une servitude comme une option aboutit souvent à une surtraduction” (SCAF, 1958, p. 31).

³⁶ “fonctionnelles”; “techniques” (SCAF, 1958, p.30-35).

³⁷ “part du sens et effectue toutes ses opérations de transfert à l’intérieur du domaine sémantique”; “unités de traduction”; “unités de pensée” (SCAF, 1958, p.37).

“assim que/logo que (ele/a) chegar/chegou”: (a- preposição → locução; b- substantivo → verbo no infinitivo flexionado ou no pretérito perfeito).

-a modulação, “variação obtida ao mudar o ponto de vista, o enfoque e, muito frequentemente, a categoria de pensamento”: “*se laver les dents*”, “escovar os dentes”; “*le lever du soleil*”, “o nascer/raiar do sol”.

-a equivalência, “procedimento de tradução que dá conta da mesma situação que o original, recorrendo a uma redação inteiramente diferente”, por exemplo “*entre chien et loup*”, “no lusco-fusco”.

-enfim, a adaptação, caso particular de equivalência (uma “equivalência de situações”) utilizado quando a situação evocada não existe na LC e “deve ser criada em relação a uma outra situação, julgada equivalente”³⁸ (SCAF, 1958, p.46-54).

E)- Seguem-se duzentas páginas nas quais (sempre partindo do sentido e considerando-se o contexto) as orientações e procedimentos são sucessivamente aplicados nos três planos do léxico, do arranjo, da mensagem e ilustrados por exemplos (SCAF, 1958, p.43-45).

F)- No manual, aparecem outras técnicas, complementares, que podem ser combinadas com os procedimentos de base. Como exemplo, assinalo somente a compensação (compensação de uma perda num lugar diferente do original) e o vaivém, permutação de dois significados com mudança de categoria gramatical (SCAF, 1958, p.6).

G)- Como o SCAF foi recebido? Em 1958, foi algo nunca antes visto. No impressionismo então vigente (traduzir caso a caso, sem mapas nem bússola), fez soprar um vento renovador, se ergueu como um farol, projetou raios pujantes sobre terras ainda inexploradas, revelou possibilidades inusitadas. Foi o primeiro manual moderno de tradução.³⁹

Estou exagerando? Vejamos o que Mounin colocava em 1960: “Trata-se de um livro novo”. Trinta e cinco anos depois, Ballard confirmou: “na época a obra aparecia como nova e até mesmo revolucionária”. Por que? Ela “dá boas descrições das operações de tradução e logo uma classificação” (MOUNIN, 1960, p.228); “está repleta” de “exemplos valiosos” (SELESKOVITCH, 1976, p.115); “pela primeira vez”, trazia

³⁸ “procédé par lequel un signifié change de catégorie grammaticale”; “variation obtenue en changeant de point de vue, d’éclairage et très souvent de catégorie de pensée”; “procédé de traduction qui rend compte de la même situation que dans l’original, en recourant à une rédaction entièrement différente”; “équivalence de situations”; “doit être créée par rapport à une autre situation, que l’on juge équivalente” (SCAF, 1958, p.46-54).

³⁹ Sintomaticamente, ele foi concebido no Canadá, país bilíngue que se dirigia então ao Estado bilíngue (1934, criação do Departamento de Tradução; 1949, começo da interpretação simultânea na *Chambre des communes* (Câmara dos Deputados do Canadá); 1969, Lei sobre as línguas oficiais).

aos estudantes, aos professores “uma apresentação ordenada de problemas até então encontrados desordenadamente, à mercê da tradução de textos, problemas que nem sempre eram identificados”⁴⁰ (BALLARD, 1995, p.231).

Pioneiro, desbravador, o SCAF não podia nascer sem imperfeições. Por conseguinte, pesquisadores se esforçaram para melhorá-lo, tornar mais precisas a abordagem, as técnicas, a classificação. Cabe citar, entre outras, os volumes de Eugene Nida em 1964, John Catford em 1965, Gerardo Vázquez-Ayora em 1977, Peter Newmark em 1981 e, na continuidade deles, no Brasil, de Heloísa Gonçalves Barbosa, estudo notável que propõe uma “recharacterização e recategorização” dos procedimentos do SCAF (1990, p. 11). Por outro lado, multiplicaram-se os trabalhos que se nutriram no SCAF e/ou nos seus sucessores para oferecer manuais de ensino da tradução ou para realizar análises descritivas de textos traduzidos, o que continua ocorrendo até hoje (apesar de algumas flutuações desfavoráveis da moda).

Nascido numa época em que o estado dos conhecimentos era outro, o SCAF envelheceu, certos elementos são datados. O que não pode acarretar o esquecimento de seu valor epistemológico essencial: provar que é frutífero sondar os fatos de língua na LP e na LC, compará-los, apreender os mecanismos de tradução, formular orientações, técnicas. Elas eram novas, úteis. Com revisões, correções, atualizações, melhorias, não deixaram de ser proveitosas. Em 1960, Mounin diagnosticava corretamente: o SCAF é um “excelente ponto de partida. Quer o discutamos, o modifiquemos, o completemos, sempre haverá vantagens em se apoiar na cartografia de um território que ele tem o mérito de ter mapeado primeiro” (p. 229). Mesmo datada, sua contribuição continua sendo “considerável”⁴¹ (OUSTINOFF, 2007, p.22). Cary inaugurava a guinada inovadora. O SCAF a fortaleceu.

Deixemos 1958. A ciência é internacional, saíamos um instante da francofonia.

11 Jakobson, 1959, “*On Linguistic Aspects of Translation*”

⁴⁰ “Il s’agit d’un livre neuf”; “à l’époque l’ouvrage apparaissait comme neuf, et même révolutionnaire”; “donne de bonnes descriptions des opérations de traduction, puis un classement” (MOUNIN, 1960, p.228); “foisonné”; “remarquables exemples” (SELESKOVITCH, 1976, p.115); “pour la première fois”; “une présentation ordonnée de problèmes jusque-là rencontrés dans le désordre, au hasard de la traduction de textes, et sans même toujours être identifiés” (BALLARD, 1995, p.231).

⁴¹ “un excellent point de départ. Qu’on le discute, qu’on le modifie, ou qu’on le complète, on aura toujours avantage à s’appuyer sur la cartographie d’un territoire qu’il a le mérite d’avoir dressée le premier” (MOUNIN, 1960, p. 229); “considérable” (OUSTINOFF, 2007, p.22).

Em 1959, Roman Jakobson (1896-1982), linguista russo que se tornou estadunidense, publicou um artigo sobre a tradução. Seis questões chamam minha atenção.

A)- Ele começa com uma análise comparativa da unidade lexical “queijo” (em inglês, *cheese*; em francês, *fromage*) e das duas unidades lexicais («*sýr*» e «*tvorog*») nas quais está distribuído o semantismo de “queijo” em russo. O que ele conclui acerca de tais diferenças lexicais e culturais não é a incomunicabilidade entre culturas ou a impossibilidade de traduzir, ao contrário!

B)- Não se traduz unidades codificadas (palavras, expressões), mas mensagens:

[...] no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras.⁴² (JAKOBSON, [1959] 1969, p.65)

C)- Nesta citação aparece a palavra “equivalência” (equi-valência = mesmo valor), que Jakobson retoma um pouco depois, para dar a sua definição da operação tradutória: ela “envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”⁴³ (JAKOBSON, [1959] 1969, p.65).

D)- As páginas seguintes mencionam os “problemas complexos” que “abundam” na “prática e teoria da tradução”. Entretanto, estes, mesmo os “mais difíceis”, nunca impossibilitam a tradução⁴⁴ (JAKOBSON, [1959] 1969, p.66-67).

E)- Retomando a imagem de um linguista que compara a tradução a uma “série circular de operações de câmbio desfavoráveis”⁴⁵, Jakobson reconhece que podem haver perdas, portanto uma equivalência parcial ([1959] 1969, p. 69).

⁴² “[...] au niveau de la traduction proprement dite, il n’y a ordinairement pas équivalence complète entre les unités codées, cependant que des messages peuvent servir adéquatement d’interprétation des unités ou des messages étrangers” (JAKOBSON, 1959, p.80).

⁴³ “équivalence”; “implique deux messages équivalents dans deux codes différents” (JAKOBSON, 1959, p.80).

⁴⁴ “problèmes complexes”; “abondent”; “la pratique et la théorie de la traduction”; “plus difficiles” (JAKOBSON, 1959, p. 81-82).

⁴⁵ “série circulaire d’opérations de change défavorables” (JAKOBSON, 1959, p. 84).

F)- Nas piadas, nos sonhos, na magia, na mitologia, na poesia e em alguns outros gêneros, “a questão da tradução se complica e se presta muito mais a discussões”⁴⁶ (JAKOBSON, [1959] 1969, p. 70).

Artigo breve, mas denso e inspirador.

Retornemos à França.

12 Mounin, 1963, *Les Problèmes théoriques de la traduction*

Voltamos a Mounin, que se tornou pesquisador em linguística geral. Foi o primeiro a defender uma tese de doutorado *d'État*⁴⁷ sobre a tradução. Publicada em 1963 pela editora Gallimard, na prestigiosa “*Bibliothèque des idées*”, e, desde 1976, na coleção “*Tel*” (com diversas reimpressões), traduzida em várias línguas, a referida tese tornou-se um clássico, uma referência obrigatória (MOUNIN, 1963). No Brasil, a tradução em português de Heloysa Lima Dantas saiu impressa em 1975 (MOUNIN, [1963] 1975).

Les Problèmes théoriques de la traduction (Os problemas teóricos da tradução) apresenta-se como uma análise da alternativa entre intraduzibilidade e traduzibilidade. Também levantada por Cary, Jakobson e outros, a questão era atual (hoje considerada ultrapassada, mas será que é mesmo?). A obra não trata da história nem dos diversos gêneros de tradução nem dos conhecimentos e da experiência requeridos pela profissão (como traduzir?). O livro empenha-se em avaliar, à luz das teorias da linguística geral, os problemas que a realização da operação tradutória coloca à linguística e vice-versa. Assunto árido! Vejamos o caminho percorrido por Mounin.

A primeira parte é introdutória. As partes dois, três e seis avaliam os obstáculos (absolutos ou não) que as teorias linguísticas contrapõem (ou parecem contrapor), em graus diversos, à exequibilidade da tradução. Trata-se das teorias de Bloomfield, Harris e Hejlslev sobre a significação, da hipótese de Whorf (a língua como visão de mundo), do estado ainda embrionário da semântica e das dificuldades em estruturar o léxico (116 páginas são dedicadas a este último item, importante fonte de problemas). As partes quatro, cinco e seis trazem a antítese. A conclusão abre horizontes. Para além do objeto inicialmente colocado (intraduzibilidade ou não), para além das aparências, quais lições reter?

A)- Nenhum obstáculo é absoluto, nada torna a tradução impossível. Mounin rejeita a tese fixista de Whorf (as línguas encerrariam os povos em visões de mundo impenetráveis entre si) e afirma que “a

⁴⁶ “la question de la traduction se complique et prête à beaucoup plus de discussions” (JAKOBSON, 1959, p. 84).

⁴⁷ Hoje extinta, a tese de doutorado *d'État* (literalmente, “de Estado, do Estado francês”) tinha como requisitos a apresentação e defesa de duas teses (uma dita “maior”; outra, dita “menor”); o título habilitava quem o possuísse a candidatar-se a professor titular (N.T).

teoria da intraduzibilidade é inteiramente elaborada tomando por base as exceções. Chega a ser uma generalização de casos excepcionais, estendida a todos os casos⁴⁸ (MOUNIN, [1963] 1975, p. 242).

B)- A existência de universais linguísticos e antropológicos, a capacidade da etnografia, da filologia, da história de descrever (portanto de pré-traduzir) civilizações distantes ou épocas do passado, assim como a noção de situação (no sentido empregado por Bloomfield) permitiram assentar em bases sólidas a legitimidade da tradução.

C)- Mounin localiza a natureza e a origem de alguns obstáculos que pululam na atividade tradutória: a) além da linguística, é preciso convocar a etnologia, a antropologia e outros ramos do conhecimento para compreender os problemas linguísticos da tradução; b) estes se situam em dois terrenos, um de ordem propriamente linguística, outro de ordem cultural/civilizacional. Cabe atentar que essa dualidade faz sentido, pois as línguas são línguas-culturas.

As questões de ordem linguística resultam, por um lado, da existência de diferenças (grandes ou não) entre o léxico, as categorias gramaticais e a sintaxe de cada uma das línguas concernidas; por outro lado, de divergências entre suas estilísticas (níveis de língua, conotações, etc.).

Os problemas de ordem cultural derivam da existência de realidades extralinguísticas distintas em cada uma das sociedades nas quais são utilizadas as duas línguas-culturas, assim como das diferenças existentes nas relações entre o sistema linguístico de cada língua e, por outro lado, entre a sociedade, a civilização nas quais cada uma se enraíza.

D)- Como Mounin concebe a tradução? Como um “caso de comunicação” (que ocorre pela “identificação” de uma situação, independentemente das “heterogeneidades sintáticas”, as quais são dribladas pela identidade da situação) e como um processo de busca de “equivalente[s]”, os quais não são reutilizáveis em todas as situações e para todo o sempre⁴⁹ (MOUNIN, [1963] 1975, p. 241-242, 252).

E)- Esta busca é um “processo”, um “progresso”, uma “série de aproximações que se vão corrigindo recíproca e gradativamente, cada recurso e cada retorno à situação não-linguística [...] servindo para aprimorar a análise das relações entre o enunciado e a situação”⁵⁰ (MOUNIN, [1963] 1975, p. 243).

F)- Mounin explica que nem sempre é possível traduzir na totalidade, que pode haver “resíduos”, pois só traduzimos “numa certa medida e dentro de certos limites”; em suma, a tradução é “uma operação

⁴⁸ “la théorie de l’intraduisibilité est construite toute entière sur des exceptions. Elle est même la généralisation des cas exceptionnels, étendue à tous les cas” (MOUNIN, 1963, p. 266).

⁴⁹ “un cas de communication”; “identification”; “hétérogénéités syntaxiques”; “équivalent[s]”, lesquels ne sont pas “donné[s] une fois pour toutes” (MOUNIN, 1963, p. 266, 278).

⁵⁰ “série d’approximations se corrigeant l’une l’autre à mesure, chaque recours et retour à la situation non-linguistique [...] améliorant l’analyse des rapports entre l’énoncé et la situation” (MOUNIN, 1963, p.267-268).

variável em seus níveis de comunicação, relativa em seu sucesso”⁵¹ (MOUNIN, [1963] 1975, p. 245, 248, 252).

G)- Não se deve, alerta ele, “subestimar as dificuldades concretas desta ou daquela tradução”. Por exemplo, a literatura e a poesia de uma civilização distante da nossa “reservam ao tradutor um número maior de malogros”⁵² (MOUNIN, [1963] 1975, p.249).

Ballard e D’Hulst consideram que o livro é “incontestavelmente uma obra fundadora devido à sua abordagem” (1994, p.8). Pergnier julga que, “pela sua amplitude e sua novidade, constituiu-se num marco e mudou definitivamente a ótica pela qual os problemas linguísticos da tradução foram desde então abordados” (*apud* BALLARD, D’HULST, 1994, p.7)⁵³. Qual é meu balanço? Assunto árido, percurso austero, às vezes fastidioso⁵⁴, mas uma bela colheita de análises e de ensinamentos proveitosos, até animadores, que consolidou a virada inovadora.

13 Anos 1960-1970, Seleskovitch, Lederer, a TIT

Intérprete profissional desde 1950, Danica Seleskovitch (1921-2001) colaborou com a criação da Associação Internacional dos Intérpretes de Conferências (AIIC) da qual foi secretária executiva de 1959 à 1963. Ensinou na Escola Superior de Intérpretes e de Tradutores (ESIT), tomando-se sua vice-diretora e subsequentemente sua diretora (1982-1990).

Empenhada em refletir sobre os fundamentos práticos e teóricos de seu ofício, publicou, em 1968, *O Intérprete nas conferências internacionais*, primeiro volume na França (o segundo no mundo) sobre o assunto (ANDRONIKOFF, 1968, p.5). Em 1973, defendeu sua tese doutoral sobre a tomada de notas em interpretação consecutiva. Estas duas publicações fundadoras constituíram o germe da *teoria do sentido* (rebatizada *teoria interpretativa da tradução* – TIT, também conhecida como *teoria da escola de Paris*) que Seleskovitch elaborou e aprimorou com o reforço de Marianne Lederer (1934-...). Em 1984, elas reuniram seus artigos em *Interpretar para traduzir* (sútil jogo de palavras): para traduzir oralmente e por escrito.

⁵¹ “résidus”; “dans une certaine mesure, et dans certaines limites”; «une opération relative dans son succès, variable dans les niveaux de la communication qu’elle atteint” (MOUNIN, 1963, p.270, 273-274, 278).

⁵² “sous-estimer les difficultés concrètes de telle ou telle traduction”; “réservent au traducteur un nombre plus élevé d’échecs” (MOUNIN, 1963, p.274-275).

⁵³ “incontestablement un ouvrage fondateur par sa démarche” (BALLARD, D’HULST, 1994, p.8); “par son ampleur et sa nouveauté, [il] a fait date et a définitivement changé l’optique dans laquelle les problèmes linguistiques de la traduction ont été depuis lors abordés” (*apud* BALLARD, D’HULST, 1994, p.7).

⁵⁴ Não esqueçamos que Mounin estava sujeito à lógica da tese *d’État* em linguística geral e à ideia que a Instituição universitária francesa tinha da mesma, nos anos 1950.

De Paris, a partir da ESIT, a TIT disseminou-se por toda parte. Inicialmente restrita à teoria da interpretação, ela abraçou a tradução escrita no final dos anos 1970, a tradução da literatura nos anos 80 e, em seguida, da língua de sinais.

A)- Vejamos as ideias principais da TIT.

A.1)- Situa a tradução na esfera da comunicação (LEDERER, 2016B, p.65).

A.2)- Para traduzir, é preciso, antes de mais nada, compreender. A compreensão é uma atividade interpretativa do sentido do enunciado. Para compreender é preciso: a) conhecer o contexto do enunciado; b) possuir bagagem cognitiva tanto geral quanto especificamente apropriada ao(s) assunto(s) que a mensagem aborda; c) prestar atenção ao que está explícito na mensagem, mas também aos elementos que lhe são implícitos (os “pressupostos e subentendidos”); d) a TIT recomenda dividir a mensagem em “unidades de sentido”⁵⁵ (LEDERER, 2016A, p.8-12).

A.3)- Após compreender o enunciado de partida, deve-se traduzí-lo. Não se traduz palavras, a expressão na língua alvo restitui as ideias, o pensamento, o sentido (LEDERER, 2016A, p.15).

Aqui, uma pergunta minha. Justas, úteis, estas orientações não eram nada novas. É claro que era positivo reafirmá-las, insistir nelas, mas qual foi a originalidade da TIT?

A.4)- Seu aporte inédito residiu em seu modelo triangular, a ação de traduzir não sendo composta de dois termos (compreensão e tradução-reformulação), mas de três: “compreensão do discurso original, desverbalização das unidades de sentido, expressão dessas unidades em um novo discurso [em língua-alvo]”⁵⁶ (LEDERER, 2016B, p.65). O primeiro e segundo momentos já eram conhecidos.

a)- A novidade foi a desverbalização, momento de “dissociação da linguagem e do pensamento”: após chegar a uma compreensão da mensagem, após compreender “através das palavras”, o tradutor deve se desfazer das palavras, libertar-se delas, desverbalizar, fazer “desapare[cer] o invólucro linguístico” para então reter somente as ideias, o sentido⁵⁷ (LEDERER, 2016B, p.69, 65-66).

b)- Voltemos ao terceiro momento que é o da expressão do “sentido desverbalizado” na língua de chegada (LEDERER, 2016B, p.65), fase da reexpressão, da reverbalização: uma vez compreendido o

⁵⁵ (les “présupposés et sous-entendus”); “unités de sens” (LEDERER, 2016A, p.8-12).

⁵⁶ “compréhension du discours original, déverbalisation des unités de sens, expression de ces unités dans un nouveau discours [en langue cible]” (LEDERER, 2016B, p.65).

⁵⁷ “dissociation du langage et de la pensée”; “à travers les mots”; “dispar[aitre] l’enveloppe linguistique” (LEDERER, 2016B, p.69, 65-66).

sentido do enunciado a ser traduzido, “sua restituição é feita em função das ideias e não em função das palavras” (Delisle, *apud* LEDERER, 2016A, p. 15)⁵⁸.

A.5)- Mas como desverbalizar-reverbalizar? É uma competência que deve ser adquirida através de uma aprendizagem prática e de um treinamento desafiadores, realizados em uma escola de intérpretes ou de tradutores, baseados na execução sistemática e intensiva de exercícios escritos e orais de expressão e de reformulação, tanto na língua primeira quanto na passagem de uma língua estrangeira à língua materna, lançando mão de diversos procedimentos de rearranjo e reenunciação de ordem discursiva, retórica, estilística, sintática e cultural (OUSTINOFF, 2007, p.89-105)⁵⁹.

B)- Como foi acolhido o modelo da TIT? Frequentemente, como um grande progresso na descrição e explicação da sequência de operações efetuadas pelo tradutor, pois a inserção do momento-da-desverbalização deu visibilidade teórica, prática e didática ao fato de que o processo tradutório não traduz palavras, mas é uma operação conceitual de transmissão de mensagens, de enunciados, de sentidos.

Por outro lado, as objeções são de que a desverbalização é uma hipótese que não foi verificada e que não se pode provar.

Seleskovitch e Lederer citam numerosos estudos em diversas áreas (trabalhos de Piaget, psicologia, neuropsicologia, etc.) que, segundo elas, confirmam o modelo. Impossível avaliar, aqui, seu mérito e pertinência.

C)- O que pensar disso tudo?

Durante a escrita do presente artigo, uma passagem do SCAF despertou meu interesse. Vinay e Darbelnet contam como, em uma autoestrada canadense cuja sinalização era bilíngue (inglês/francês), observaram que as indicações em francês eram decalcadas (erroneamente sob a ótica do emprego padrão na França metropolitana) a partir daquelas do inglês.

Para corrigir mentalmente cada decalque, eles quiseram formular o equivalente em uso nas estradas da França metropolitana, mas a frase “não [lhes] vinha *espontaneamente* à mente”: totalmente “*impregnados [...], domina[dos]*” pelo texto em inglês, eles “hesit[avam]”, precisavam encontrar “um texto *saído espontaneamente* de um cérebro monolíngue em resposta a uma situação totalmente comparável”. Frase admirável, pois nela se encontra explicitamente definida o que é uma relação de equivalência, e,

⁵⁸ “sens déverbalisé” (LEDERER, 2016B, p.65); “sa restitution se fait en fonction des idées et non en fonction des mots” (Delisle, *apud* LEDERER, 2016A, p. 15).

⁵⁹ É uma rápida e boa iniciação ao assunto. Ver também Moskowitz (1972, p.116) e Seleskovitch, Lederer (2002, p.257-266). Para maiores informações, ver Seleskovitch (1968), Seleskovitch, Lederer (1984 e 2002), entre outros.

implicitamente, ela contém um embrião da noção de desverbalização e de desverbalização-reverbalização: um texto “*saído espontaneamente* de um cérebro monolíngue” não “domina[do]” pelo texto inglês⁶⁰ (SCAF, 1958, p.19-20, grifo meu).

Dez anos mais tarde, em um artigo sobre a tradução, Vinay voltou às placas de trânsito, mas relatou uma situação inversa na qual o texto inglês era um decalque do francês. No Canadá, explicou,

as placas que anunciam uma “Parada obrigatória [de ônibus]” trazem uma tradução inglesa, “Obligatory Stop” [Parada obrigatória], decalcada na estrutura francesa [...]; o texto inglês normal, ou seja redigido *espontaneamente*, sem a influência de uma outra língua, teria a seguinte redação: “All buses stop here” [Todos ônibus param aqui]. (VINAY, 1968, p.735, grifo meu)⁶¹

Novamente, porém formulado com mais precisão, vejo, nesta citação, um embrião da desverbalização.

Sintomaticamente, oito anos depois, Seleskovitch reproduziu a mesma citação de Vinay em um artigo. Por que? Porque, na sequência de operações tradutórias, ela queria chamar a atenção para a existência de um tempo intermediário entre “o discurso em língua X” e a reexpressão de seu sentido em língua Y, momento mediano que ela então designava como “a apreensão, para além da língua, [do] discurso na língua X”⁶² (1976, p.88). Era esta a sua terminologia na época, mas este longo e pouco prático sintagma deu lugar, pouco depois, à desverbalização (um termo que ela ainda não utilizava⁶³).

É significativo ver o mesmo fenômeno relatado pelo SCAF, depois por Vinay e retomado por Seleskovitch, revelador do fato de que descreve uma sina comum. Pois, é muito raro encontrar um praticante avançado (professor, tradutor, sujeito bilíngue) de uma língua estrangeira que nunca tenha vivido uma situação similar, caracterizada por uma sensação de bloqueio, pela incapacidade de dar, na língua materna, uma tradução *normal* (adequada, bem formulada) de um enunciado emitido em língua estrangeira, embora compreendido. E de não poder fazê-lo porque as palavras, as construções do enunciado em língua estrangeira o retêm, o *dominam*, o aprisionam, porque está *impregnado* delas e não consegue esquecê-las, desprender-se delas, não consegue desverbalizar.

⁶⁰ “ne [leur] venait pas *spontanément* à l'esprit”: totalement “*imprégnés* [...], *domin[és]*”; “hésit[ai]ent”; “un texte *sorti spontanément* d'un cerveau monolingue en réponse à une situation en tous points comparable”; “*sorti spontanément* d'un cerveau monolingue” non “domin[é]” (SCAF, 1958, p.19-20, je souligne).

⁶¹ “les panneaux annonçant un ‘Arrêt obligatoire [d'autobus]’ comportent une traduction anglaise [‘Obligatory stop’] calquée sur la structure française [...]; le texte anglais normal, c'est-à-dire *rédigé spontanément*, sans l'influence d'une autre langue, se lirait comme suit: ‘All buses stop here’” (VINAY, 1968, p.735, je souligne).

⁶² “la saisie hors langue [du] discours en langue X” (SELESKOVITH, 1976, p.88).

⁶³ Para conhecer as primeiras formulações, ver Seleskovitch (1968) et a maioria de seus artigos anteriores à 1977 em Seleskovitch e Lederer (1984).

Podemos parar aqui. Pois, a meu ver, foi assim mostrada a pertinência da inserção, no modelo, do momento mediano da desverbalização. Se for só uma hipótese, ela é plausível, provável, útil. Sua contribuição é de ajudar a apreender a natureza da operação tradutória. O triângulo da TIT não traduz, mas explica, de forma convincente, até mesmo brilhante, didaticamente eficaz, como funciona (parece funcionar) o processo tradutório. *Se non è vero, è molto ben trovato!*

Agora é rever e sintetizar.

Advertência: nas páginas seguintes colocarei em destaque, valorizarei os nomes daqueles que souberam iniciar e viabilizar a virada inovadora do pós-guerra, e que a encarnam. Entretanto, de forma alguma minimizo a reflexão e teorização anteriormente realizadas, mesmo que em um período remoto. Nós todos nos apoiamos nos ombros de nossos predecessores. É equivocado, deplorável subestimar por anacronismo.

A título de conclusão, algumas reflexões sobre quatro questões.

14 Retrospecto, visão panorâmica (1): periodização

Larbaud e Mounin/1955 lançaram, no imediato pós-guerra, duas publicações importantes cujas raízes (propósito literário, objetivos, abordagens, referências) mergulhavam no pré-guerra e mesmo antes. O volume de Larbaud foi um cabedal (seu e de sua época), encerrou uma era. Para elaborar um balanço de seu ensino de versão, Mounin/1955 confrontou traduções e comentários de escritores. Trabalho sério, documentado, minucioso, mas que se manteve na continuidade da época anterior. Entretanto, nele já se notam alguns sinais que pressagiam uma transição.

A natureza dos escritos subsequentes foi completamente diferente, abordando o estudo da tradução sob um novo ângulo. Queriam fundá-la em bases científicas, munir o tradutor de análises com valor descritivo, explicativo das operações da tradução; desejavam fornecer orientações, técnicas, conceitos úteis para a atividade tradutória e para seu ensino. Não ignoraram a vastidão do mundo da tradução, equiparam-se de um arsenal teórico-terminológico atualizado (linguística, retórica moderna,

análise textual, etc.), buscaram inventariar sistematica e metodicamente os fatos de tradução, estudaram outras áreas (a etnologia, a psicologia, etc.). Foi uma guinada. Muito proveitosa.

Com o triângulo da TIT se terminou, no final dos anos 1970, o período inaugurado por Cary (1956), assim como a formação da tradutologia francófona. Se seguirá uma nova fase (Berman, Ricœur, entre outros, e Meschonnic, que fora precursor, ganhará visibilidade nos anos 80). Porém, não é meu propósito abordá-la neste artigo.

15 Retrospecto, visão panorâmica (2): as províncias do reino, acordos e consensos

Os aportes de Cary (a imensa diversidade da tradução), Vinay/Darbelnet (a exploração comparatista das mensagens em língua-fonte e em língua-alvo), Jakobson (a descrição linguística da operação tradutória), Mounin/1963 (a tradução questionada pelas teorias linguísticas), Seleskovitch (a TIT, o triângulo, a desverbalização-reverbalização) tiveram objetos distintos, cada um explorando uma região. Juntos, cobrem quase todo o reino da tradução. O conjunto dessas conquistas resultou na delimitação, reconhecimento e autonomização de uma disciplina particular (os estudos de tradução) que adquiriu o status de um ramo do conhecimento e das atividades humanas. A seguir, passou a ser denominada de tradutologia.

Os trabalhos que acabei de mencionar têm objetos distintos, exploram regiões diferentes, mas não se contrapõem. Houve alguns ruídos entre certos autores, mas, em geral, foram superados. Suas contribuições não se confrontam, ao contrário, convergem, apresentam numerosas afinidades, consensos, se completam. Seus frutos são numerosos em termos de conceitos, orientações e técnicas, úteis ainda hoje.

Alguns leitores poderão dizer que teria sido didático explicitar as afinidades, fazer quadros comparativos. Sem dúvida, mas o tempo, e o espaço disponível, não permitiram, seria necessário um outro artigo. Sendo assim, me limito a comentar, abaixo, dois consensos.

16 Uma regra, muitas exceções

Regra de ouro entre nossos autores: não se traduz palavras, mas ideias.

Sim, porém nem sempre. Cary e Jakobson advertiram que, em vários gêneros de tradução (canções, piadas, provérbios, jogos de palavras, poesia, etc.⁶⁴), a operação tradutória se complica ainda mais, muito mais.

Por que? Porque, na tradução de enunciados recheados de exigências formais e nos quais a expressão é apurada, as escolhas estilísticas, a cadeia de significantes são importantes, assim como os jogos e as regras (explicitadas ou subjacentes). É preciso levar em conta as exigências de gênero e de forma, achar um caminho que combine, em graus diversos, o sentido (as ideias) e a forma. O que multiplica os problemas, exigindo que se façam escolhas. Remeto aos escritos sobre o assunto.

17 Definir a tradução, caracterizar a equivalência

Outro consenso: todos definem a tradução como uma relação de equivalência, ou seja, a relação de duas mensagens equivalentes que exprimem o mesmo sentido em duas línguas diferentes. Trata-se de uma nova definição, mais potente que a da Academia Francesa que até então reinava suprema (ver “2” acima).

A)- De que elemento(s), de que substância(s), o equivalente deve ser composto? Deve ser formado por elementos constitutivos da mensagem de partida (os elementos presentes no enunciado-em-LF devem ser encontrados no equivalente-em-LA). Quais? Já se sabe que, no processo tradutório, se devem traduzir as ideias dos enunciados. Cary especifica também que se traduz “um mundo de pensamento, de emoção, de existência”, e ainda as imagens, os sentimentos (1956, p.17)⁶⁵. Vinay e Darbelnet acrescentam as nuances, os níveis de língua (1958, p.24, 35). Não se pode esquecer os elementos relativos à dimensão cultural/civilizacional, onipresente em Cary e em Mounin/1963. Este último sintetiza o todo em dois termos: a significação (outros dirão o sentido) e o estilo (1963, p.278).

B)- Voltemos à definição baseada no conceito de equivalente/equivalência. Trata-se de uma relação entre dois termos considerados como tendo o mesmo valor, mesmo peso, portanto iguais. Iguais? Com base na experiência que acumulou, Cary alerta que se procura estabelecer “*une certaine équivalence*” (1956, p.17). Atenção: não uma equivalência certa (= segura, exata, indubitável, certa), mas bem ao contrário. Pois, colocado antes do substantivo, “*certain*” é adjetivo indefinido e significa “incerto, relativo, variável”. *Une certaine équivalence* é assim uma equivalência que pode ser parcial, cuja adequação é variável, podendo ir do melhor ao pior.

⁶⁴ A lista é longa: a dublagem cinematográfica, a legendagem, a tradução literária, teatral, lírica, publicitária, livros infantis. Ver Cary (1956, passim).

⁶⁵ “un monde de pensée, d’émotion, d’existence” (CARY, 1956, p.17).

C)- Conscientes disso, Cary e Mounin insistem (como foi visto) que a tradução é uma busca, um processo de aproximações sucessivas (CARY, 1958, p.85; MOUNIN, 1963, p.267-268).

D)- Consequentemente, nossos autores detalham os elementos que condicionam o grau de exequibilidade das equivalências, o grau de possibilidade de se obter uma equivalência adequada.

Recapitulando: a) os equivalentes não são imutáveis, não são reutilizáveis em todas as situações e para todo o sempre; b) não são únicos, não há solução única; c) não são perfeitos, podendo haver perdas, ganhos, resíduos (CARY, 1958, p.68; SCAF, 1958, p.23, 25; JAKOBSON, 1959, p.84; MOUNIN, 1963, p.270, 278).

E)- Mounin sintetiza com perfeição: só traduzimos “numa certa medida e dentro de certos limites”, a tradução é “uma operação cujo sucesso é relativo e que atinge níveis variáveis de comunicação.”⁶⁶ ([1963] 1975, p.248, 252).

F)- O que pensar disso tudo? Nossos autores utilizam o conceito de equivalência e estabelecem suas características. Como? Apontam que é preciso definir quais são os elementos constitutivos dos equivalentes (traços semânticos, estilísticos, emocionais, sociais, culturais, estéticos, etc.). O que abre a possibilidade de fazer uma avaliação do grau de adequação dos equivalentes encontrados ou criados. Eles chamam a atenção para o fato de os equivalentes não serem únicos nem imutáveis. Alertam que o grau de possibilidade de se obter uma equivalência adequada é variável.

Tais precisões são úteis e necessárias. Sem elas, a noção de equivalente torna-se mecânica, estreita, vazia, sem vida, sem consistência, sem dialética.

A equivalência é uma noção essencial, uma valiosa conquista, sua essência não pode ser separada desses atributos. Consequências: a liberdade do tradutor (o direito e o dever de fazer escolhas) está enraizada na variabilidade, na natureza variável da equivalência. Por outro lado, a noção de equivalência permite descentrar e superar o critério de fidelidade (não necessariamente eliminá-lo) e os debates que o acompanham (fidelidade a que?). Eis provavelmente duas das razões do sucesso deste conceito.⁶⁷

⁶⁶ “dans une certaine mesure, et dans certaines limites”; “une opération relative dans son succès, variable dans les niveaux de la communication qu’elle atteint” (MOUNIN, 1963, p.274, 278).

⁶⁷ Seria, evidentemente, instrutivo empreender uma reflexão de problematização do conceito de equivalência. Não é aqui o momento.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: PONGE, Robert.

Referências

- ANDRONIKOFF, C. Introduction. In: SELESKOVITCH, Danica. (1968). *L'Interprète dans les conférences internationales*. Paris: Lettres modernes-Minard, 1968. p.3-20.
- AURÉLIO. (2004) - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. CD-Rom 5.11. Curitiba: Positivo, 2004.
- BALLARD, Michel. (1986). Introduction. In: CARY, Edmond. (1958). *Comment faut-il traduire?* (1959). Lille: PUL, 1986. p. 9-23.
- BALLARD, Michel. (1995). Histoire et didactique de la traduction. *TTR*, vol. 8, nº 1, 1^{er} semestre 1995. p.229-246. Association canadienne de traductologie.
- BALLARD, Michel. (2007). *De Cicéron à Benjamin: traducteurs, traductions, réflexions*. Villeneuve d'Ascq (France): Presses universitaires du Septentrion, 2007.
- BALLARD, Michel; D'HULST, Lieven. (1994). Préface. In: MOUNIN, Georges. (1955). *Les Belles Infidèles*. 3^e édition. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2016. p.7-11.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. (1990). Campinas (SP): Pontes Editora, 2020.
- CARY, Edmond. (1956). *La Traduction dans le monde moderne*. Genève: Georg, 1956.
- CARY, Edmond. (1958). *Comment faut-il traduire?* (1958). Lille: PUL, 1986.
- TORRES, Marie-Hélène; PIUCCO, Nanceli; ABES, Gilles; FAVERI, Claudia Borges de (Orgs.). *Classicos da teoria da tradução, antologia bilingue*, vol. 2: *francês-português*. 2^a edição revisada e ampliada. Florianópolis: NUPLITT/UFSC e NUPHISTRAD/UFSC; Tubarão: Copiart, 2018. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/20159_1/AntologiaBilingue.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- HOUAISS. (2002) - HOUAISS, Antônio. 2009. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. CD-ROM 1.0.5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. ([1959] 1969). In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Traduzido do inglês por Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

- JAKOBSON, Roman. Aspects linguistiques de la traduction. (1959). In: JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Traduction de l'anglais par Nicolas Ruwet. Paris: éditions de Minuit, 1963, p. 78-86.
- LARBAUD, Valery. (1946). *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Paris: Gallimard, coll. «Tel», 1997.
- LAROUSSE. (1968). *Nouveau Petit Larousse 1969*. Paris: Larousse, 1968.
- LAURENTI, Francesco. *Tradurre: storie, teorie, pratiche dall'Antichità al XIX secolo*. Roma: Armando editore, 2015.
- LEDERER, Marianne. (2016A). Interpréter pour traduire – la Théorie interprétative de la traduction (TIT). *Équivalences*, 43^e année, n°1-2, 2016. p.5-30.
- LEDERER, Marianne. (2016A). Pourquoi une cinquième édition d'Interpréter pour traduire de Danica Seleskovitch et Marianne Lederer?. *Forum*, 14(1), 2016. p.64-78.
- LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Hachette, 1873-1874. Version électronique par François Gannaz. Disponible sur <http://www.littre.org>
- MOSKOWITZ, Daniel. Enseignement de la traduction à l'ESIT. *Langages*, n° 28, décembre 1972. Paris: Didier/Larousse, p.110-117.
- MOUNIN, Georges. (1955). *Les Belles Infidèles*. 3^e édition. Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2016.
- MOUNIN, Georges. (1960). Compte rendu de J.-P. Vinay et J. Darbelnet. Repris in: MOUNIN, Georges. *Linguistique et traduction*. Bruxelles: Dessart & Mardaga, 1976. p. 227-234.
- MOUNIN, Georges. (1963). *Les Problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, coll. «Bibliothèque des sciences humaines», 1963.
- MOUNIN, Georges. ([1963] 1975). *Os problemas teóricos da tradução*. Traduzido do francês por Heloysa de Lima Duarte. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MOUNIN, Georges. (1965) *Teoria e storia della traduzione*. Traduzione dal francese di Stefania Morganti. Torino: Einaudi editore, 1965.
- OUSTINOFF, Michaël. (2007). *La Traduction*. 2^e édition mise à jour. Paris: PUF, coll. «Que sais-je?», 2007.
- REY, Alain (Dir.). (1994). *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: France Loisirs et Dictionnaires Le Robert, 1994.
- SCAF (1958) - VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris: Didier, 1972.
- SELESKOVITCH, Danica. (1968). *L'Interprète dans les conférences internationales*. Paris: Lettres modernes-Minard, 1968.
- SELESKOVITCH, Danica. (1976). De l'expérience aux concepts. Repris in: SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. (1984). *Interpréter pour traduire*. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, coll. «Traductologiques», 2020. p.87-132.
- SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. (2002). *Pédagogie raisonnée de l'interprétation*. 2^e édition corrigée et augmentée. Paris: Didier Érudition & Office des publications officielles des Communautés européennes, 2002.



VINAY, Jean-Paul. (1968). La Traduction humaine. In MARTINET, André (Dir.). *Le Langage*. Paris: Gallimard, «Encyclopédie de la Pléiade», 1968. p. 729-757.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. (1958). Voir SCAF (1958).